

“Carta a Ângela”

Isabel Cristina Mateus

icmateus@ilch.uminho.pt

Texto crítico de apresentação do livro "Carta a Ângela" (ed. de José Manuel Mendes, Pequenos Livros) procurando resgatar a figura de Ângela, mulher de Carlos de Oliveira, personagem omnipresente na sua escrita, objecto poético e "criptógrafo" do escritor.

Dizem que por trás de cada grande homem há sempre uma grande mulher. Não serei eu a desmentir o aforismo, mas certo é que tenho cá as minhas dúvidas por muitas e fundadas razões. Desde logo, e para ficarmos apenas no domínio da diferença de géneros, porque é igualmente válido que por trás de uma grande mulher há também sempre um grande homem. Ainda não há muitos dias, conversava com um grande homem, marido de uma grande escritora da nossa praça, e ele me confidenciava precisamente esse desejo de rasura como uma sábia filosofia de vida. O elixir da longa vida da sempre difícil conjugalidade dos escritores.

Em meu entender, o melhor mesmo é que não haja alguém por trás de alguém, sombras de astros, anulação ou silêncio, e todos, homens ou mulheres, possam ter direito à luz. A penumbra só literária, artística e eroticamente é um lugar fascinante.

Vem isto a propósito de uma grande mulher. A propósito de Ângela. Ângela Oliveira. E de um livro que a resgata da sombra que foi sempre o seu modo particular de estar sob o foco irradiante da luz. Uma comovente e belíssima recolha de imagens e de testemunhos de muitos que com ela conviveram e partilharam os dias. Mas, acima de tudo, o testemunho de amor e de gratidão de Carlos de Oliveira, seu marido e companheiro de escrita. Um tributo que é também um gesto de redenção, aqui trazidos pela mão justiceira do tempo e pela justeza enternecida do olhar (e da mão) de José Manuel Mendes, organizador deste livro: “Carta a Ângela”, pequenoslivros, 2017.

“Carta a Ângela” vem restituir a Ângela o lugar matricial da escrita de Carlos de Oliveira que o poema com o mesmo título lhe conferia como lugar de abertura de “Terra da Harmonia” (1950) até à sua completa rasura por ocasião da reorganização do conjunto dos poemas, em 1978, publicados sob o título de “Trabalho Poético”. O poema-dedicatória era assim, de alguma forma, um pórtico de entrada, uma chave de leitura do universo poético de Carlos de Oliveira, no qual se podiam ler versos apaixonados como estes: “Para ti, meu amor, é cada sonho/ de todas as palavras que escrever,/ cada imagem de luz e de futuro/ cada dia dos dias que viver. (...) Transpondo os versos vieste à minha vida/e um rio abriu-se onde era areia e dor. /Porque chegaste à hora prometida/ aqui te deixo tudo, meu amor!”

As razões da sua posterior rejeição ou silenciamento permanecem para nós estranhas, porventura inconfessáveis, mesmo se motivadas por um desejo de ordem e de depuração formal. Contudo, já aí Ângela, o anjo silencioso do poeta, se anuncia muito para além do papel da convencional musa inspiradora ou da angelical e submissa figura familiar.

O livro “Carta a Ângela” abre precisamente com uma carta, um envelope com destinatário in-scrito, em cujo interior se encontra o poema silenciado. Resgatando Ângela do olvido,

como se lhe pedisse perdão, devolvendo-lhe o lugar central, iniciático, que ela ocupa na paisagem única que é a escrita de Carlos de Oliveira, *habitat* estranho onde convergem a floresta tropical do nordeste brasileiro que o viu nascer e as “lagoas pantanosas, desolação, calcário, areia” da Gândara (Cantanhede) que constitui a sua geografia íntima. Ângela, o sentido que falta no dicionário que o autor percorre em busca dos múltiplos sentidos da palavra “floresta”, esse lugar desconhecido, novo, que a sua escrita descobre à história *florestal* da literatura portuguesa traçada em “O Aprendiz de Feiticeiro”, o lugar de Gelnaa, acrónimo de Ângela, “mulher-floresta, acolhedora e imperscrutável”.

“Carta a Ângela” dá-nos a conhecer “a ausente mais presente nas tertúlias e cafés” de Lisboa, na evocação de Nuno Júdice, aludindo à surdez que a afecta mas não a impede de acompanhar e de participar, de ser o lugar activo, misterioso, da interrogação em torno do gesto de escrever. Esta participação activa ganha protagonismo quando percebemos que Ângela não se limita a desempenhar o papel de musa, secretária e dactilógrafa dos textos do marido, antes se torna, nesse que é o gesto vigilante e insatisfeito da grafia, de nascimento da palavra, co-escritora de uma obra de que será igualmente personagem sob várias máscaras, desde logo sob a máscara de Gelnaa. Como, de resto, o reconhece Carlos de Oliveira numa carta a Alexandre Pinheiro Torres, datada de 1973 (evocada no testemunho de Osvaldo Silvestre) na qual confessa que, a partir do momento em que o seu fulgor imaginativo é submetido ao que chama o “Teste de Gutenberg”, Ângela devém cúmplice, transformando-se no “meu criptógrafo. Decifra a escrita semi-secreta e copia-a à máquina. Torno a corrigir, a emaranhar. Nova cópia, novas correcções. Etc.”

Mais do que o tradicional lugar reprodutivo, Ângela torna-se o lugar de produção da escrita, do gesto de emaranhar sentidos. O lugar da imaginação criadora que não pode ganhar corpo e ver a luz do dia sem o parto da escrita.

Teria sido o reconhecimento desse lugar activo a ditar o silenciamento do poema, o rasgar da carta tão amorosamente endereçada a Ângela? Teria sido esse o enigma de um retrato dúplice que a sua paisagem apenas deixa adivinhar? Não o saberemos nunca. Todavia, as minhas reservas em relação ao aforismo inicial parecem crescer, como se a mulher que Ângela não deixa de ser me descobrisse como certas sombras ou *nuances* fazem explodir de cor toda a gama cromática de sentidos. Num fascinante *chiaroscuro*. Coisa que certamente escapará a uma leitura ortodoxa, quero dizer, aforística, do mundo.